

CANCRO COLORRETAL: UMA REFERÊNCIA NO TRATAMENTO

A Unidade de Cancro Colorretal é uma das unidades estruturais da CUF Oncologia. A equipa multidisciplinar especializada que a compõe tem como missão a deteção precoce e o tratamento eficaz de tumores do cólon e do reto, dos mais prevalentes a nível nacional.

Carlos Vaz, Cirurgião Geral no Hospital CUF Tejo, Coordenador da Unidade de Cancro Colorretal a Sul e da Unidade de Cirurgia Robótica da CUF, apresenta o cenário nacional do cancro colorretal e o relato deixa motivo para preocupação: "É a segunda causa de morte por cancro e é o terceiro tumor com mais incidência, logo a seguir ao cancro da mama e da próstata, sendo aquele que afeta mais ou menos por igual ambos os sexos."

Contudo, este é um cancro passível de ser alvo de medidas de prevenção secundária, ou seja, "temos a possibilidade de encontrar lesões precursoras do cancro, tirar essas lesões, chamadas pólipos, e, desta forma, prevenir o desenvolvimento deste cancro", refere Carlos Vaz.

Nesta aposta na vigilância e na identificação precoce de casos a tratar, "a CUF dispõe de todos os meios necessários para fazer o adequado diagnóstico e estadiamento", desde TAC, ressonância magnética pélvica e hepática, PET ou cintigrafiás ósseas, assegura, por seu lado, António Quintela, Oncologista e Coordenador de Oncologia Médica no Hospital CUF Descobertas.

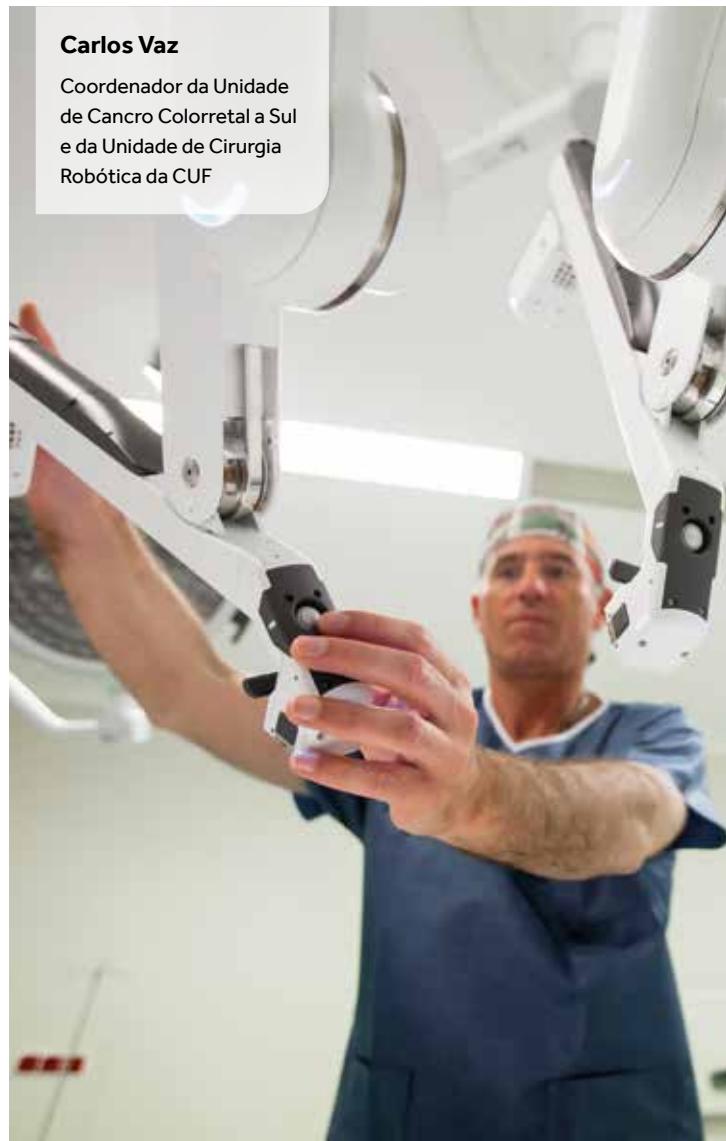
Entre os vários profissionais envolvidos no diagnóstico e estadiamento deste cancro, o oncologista destaca o papel dos especialistas em Anatomia Patológica. "É um elemento crítico da nossa decisão em Oncologia", reconhece António Quintela, acrescentando que é a partir dos dados fornecidos por esta especialidade que se "tomam as decisões terapêuticas mais adequadas" a cada doente.

Já Carlos Vaz destaca a importância dos imagiologistas especializados da CUF Oncologia no diagnóstico do cancro do reto: "A ressonância magnética é absolutamente fundamental neste cancro para o desenho da estratégia terapêutica."

Todo este processo de diagnóstico, estadiamento e tratamento do cancro colorretal é agilizado por duas condições destacadas pelo oncologista António Quintela. O trabalho das gestoras oncológicas – que acionam todos os meios necessários para assegurar a celeridade de marcações de consultas, exames e cirurgias – e a "perceção de que há na CUF de que um cancro é uma urgência" e, nessa medida, é uma situação que necessita de respostas rápidas e fiáveis dadas "por especialistas dedicados ao cancro colorretal", como os que fazem parte da Unidade de Cancro Colorretal.

Carlos Vaz

Coordenador da Unidade de Cancro Colorretal a Sul e da Unidade de Cirurgia Robótica da CUF



**"Nos últimos dois anos,
a CUF Oncologia tratou
cerca de 500 pessoas
com cancro colorretal."**

RECONHECIMENTO

O Ministério da Saúde reconheceu a Unidade de Cancro Colorretal a Sul – Hospital CUF Descobertas e Hospital CUF Tejo – como Centro de Referência Nacional para o tratamento do cancro do reto.



Luis Filipe Cataíno (SEI)

Experiência e tecnologia melhoram resultados clínicos

O trabalho realizado na Unidade de Cancro Colorretal a Sul – hospitais CUF Descobertas e CUF Tejo – já lhe valeu o reconhecimento por parte do Ministério da Saúde como Centro de Referência Nacional para o tratamento do cancro do reto. Para António Quintela, a distinção, que teve a especialização dos profissionais como um dos parâmetros reconhecidos, “surge de forma natural, fruto do trabalho que desenvolvemos”. Na opinião do oncologista, “somos particularmente competentes e este é o reconhecimento de que dispomos de todas as características necessárias para tratar de forma adequada este tipo de cancro”.

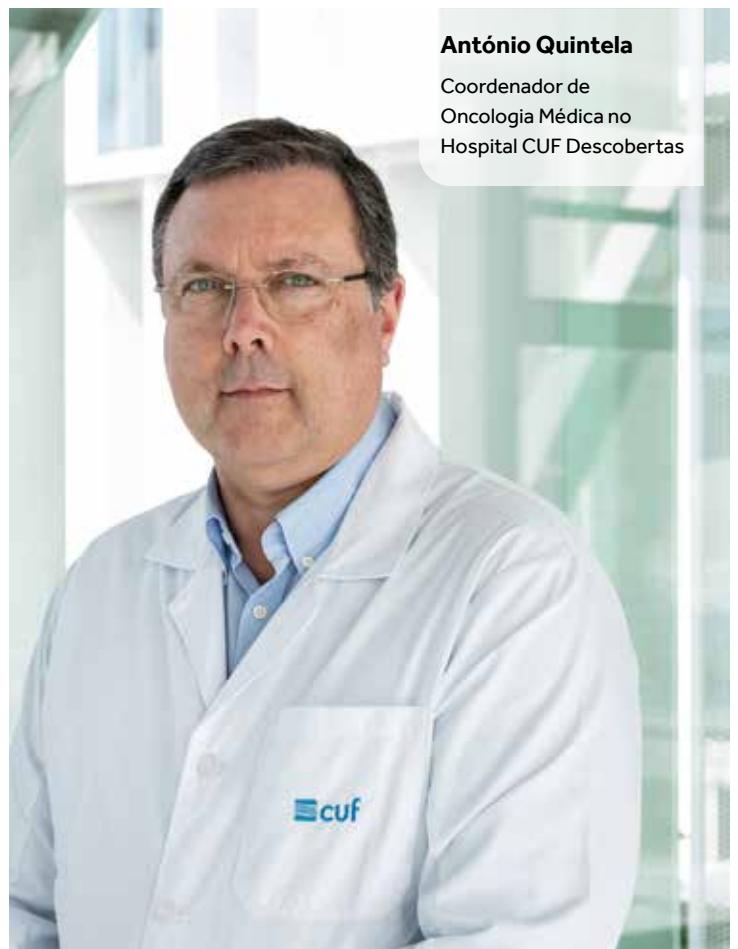
Carlos Vaz assinala a casuística que permite manter esta experiência dos profissionais: “Nos últimos dois anos, a CUF Oncologia tratou cerca de 500 pessoas com cancro colorretal, entre as quais, cerca de 100 com cancro do reto.”

Para o cirurgião, ter uma equipa multidisciplinar especializada em cancro colorretal “é o mais importante de tudo”, pois só assim se pode tirar o total partido das tecnologias mais avançadas que a CUF Oncologia possui, entre as quais os equipamentos de cirurgia robótica, considerada hoje o *gold standard* do tratamento do cancro do cólon, mas sobretudo do cancro do reto. Este tipo de cirurgia

permite trabalhar de forma mais segura e eficaz numa região do corpo, a cavidade pélvica, "muito pequena e que partilha o espaço com outros órgãos importantes – urinários e sexuais", explica o especialista, acrescentando: "Esta técnica permite que o cirurgião seja suficientemente radical para tirar todo o tumor do reto e evitar recidivas e seja delicado e seletivo o suficiente para não lesar as estruturas que estão fora do âmbito daquele cancro e que devem ser preservadas."

A utilização desta técnica por um cirurgião especializado em cancro colorretal é, na opinião de Carlos Vaz, "um dos fatores que mais influencia o resultado do tratamento".

"A CUF dispõe de todos os meios necessários para fazer o adequado diagnóstico e estadiamento."



António Quintela

Coordenador de
Oncologia Médica no
Hospital CUF Descobertas

José Fernandes /SEEEI



Assunção Velasco

Enfermeira Coordenadora
de Cuidados Oncológicos
na Unidade de Cancro
Colorretal do Hospital
CUF Tejo

Luis Filipe Catárnio /SEEEI

ACOMPANHAMENTO PERSONALIZADO

Assunção Velasco é a Enfermeira Coordenadora de Cuidados Oncológicos na Unidade de Cancro Colorretal do Hospital CUF Tejo. Recebe os doentes logo após o diagnóstico de cancro do colón ou do reto "antes de qualquer momento terapêutico, com o objetivo de fazer o acompanhamento personalizado" em todo o percurso da doença.

Segundo a enfermeira, cabe a este profissional monitorizar as necessidades do doente e ser "o elo com a equipa multidisciplinar", pois "somos a pessoa que passa mais tempo com o doente e, por isso, a que consegue identificar melhor as necessidades da pessoa e da família".

Uma das vertentes da Unidade de Cancro Colorretal é a consulta de Estomaterapia. A enfermeira, responsável por esta consulta, explica que na consulta pré-operatória, quando é identificada a necessidade de ostomização do doente, este passa a ser seguido nesta consulta especializada. A notícia da necessidade de ostomização "não é recebida de ânimo leve e as pessoas ficam muito assustadas", reconhece Assunção Velasco, pois ainda são muitos os medos relacionados com os cheiros, os barulhos e as condicionantes à vida sexual associados à prótese. "Os doentes acham que vão perder autonomia e que não vão conseguir continuar com a vida deles", refere a enfermeira, mas o ensino feito ao doente e ao cuidador mais próximo, desde o internamento, "dá uma segurança enorme ao doente".

Para a enfermeira, o reconhecimento do Ministério da Saúde de que a CUF Oncologia é Centro de Referência de Cancro do Rejo nos hospitais CUF Descobertas e CUF Tejo "é muito gratificante". "Vê-se que o nosso trabalho está a ser valorizado e que, ao termos uma articulação muito boa entre todos os elementos, proporcionamos um acompanhamento digno ao doente", remata Assunção Velasco.



TESTEMUNHO

Gislaine Barcarol

"A avaliação é nota 10 em 10"

Gislaine Barcarol recebeu, aos 34 anos, o diagnóstico de cancro do cólon. Um ano depois, está confiante de que o pior já passou e agradece à equipa da CUF ter estado sempre disponível e atenta às suas necessidades.

Ador e o desconforto abdominal eram sintomas que acompanhavam Gislaine Barcarol há algum tempo devido a episódios de gastrite e, por isso, não valorizou uma agudização. Foi sendo medicada para a sintomatologia, melhorou temporariamente, mas havia um quadro de anemia que não passava. No início de 2021, numa visita à CUF com as mesmas queixas, o clínico que a recebeu disse que "uma anemia assim não é normal".

Partiu-se para a investigação clínica, foi feita uma colonoscopia e "o médico que me fez o exame na CUF pediu logo para conversar comigo e disse que ia precisar de uma cirurgia", conta Gislaine Barcarol. Ficou claro o motivo do desconforto e da anemia: cancro do cólon.

Fez a colonoscopia a 23 de março de 2021, três dias depois teve a consulta com o cirurgião, que levou o seu caso à reunião de grupo multidisciplinar, e a 6 de abril deu entrada no centro cirúrgico. "Foi tudo muito rápido e deu-me muita tranquilidade, porque senti segurança nos médicos e percebi que não ia ficar a arrastar processos de que não precisava", admite.

Peça fundamental nessa celeridade foi a gestora oncológica. Gislaine Barcarol lembra: "Nunca precisei de fazer nada, o processo foi muito facilitado." Desde a marcação dos exames, da cirurgia, da consulta de Nutrição, dos tratamentos, tudo ficou a cargo da gestora oncológica.

Gislaine Barcarol fez uma cirurgia robótica e esteve cinco dias internada num pós-operatório "muito tranquilo". Um mês e meio depois, iniciou a quimioterapia, que fez em casa durante seis meses, monitorizada pela equipa de Enfermagem para garantir que corria tudo bem no domicílio, o que "era muito tranquilizador", afirma.

Em março deste ano fez a avaliação do estado de saúde, precisamente um ano depois do início do processo, e recebeu a notícia de que não havia mais vestígios do tumor. "Estou a alimentar-me como já não me alimentava há muito tempo e já recuperei os quase 16 quilos que tinha perdido", conta Gislaine Barcarol.

A avaliação de Gislaine à passagem pela CUF Oncologia não podia ser mais positiva: "A avaliação é nota 10 em 10." Afinal, sublinha, sempre se sentiu acompanhada, acolhida, e "nunca nenhuma pergunta que fiz foi vista como desnecessária. Respondiam-me sempre como se estivesse a fazer a pergunta mais importante do mundo".